

Oração semanal

(5^a-feira, Tempo Comum 14)

Serra do Pilar, 12 julho 2018

P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!

R. *Ámen!*

P. Estamos, Senhor, reunidos em teu nome; fica connosco (Lc 24,29).

R. E desça sobre nós a tua bênção.

P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito do Pai e do Filho!

R. Glória ao Senhor, que nos dá o seu Espírito (1Ts 4,8)!

Parábola da vinha do Profeta Oseias (10, 1-3.7-8.12)

Israel era uma vinha frondosa, que dava muitos frutos. E quanto mais abundavam os frutos, tanto multiplicavam os seus altares. Quanto mais prosperou a sua terra, mais ricos eram os monumentos pagãos que construía.

Mas o coração de Israel é falso: agora tem que pagar. O mesmo Senhor derrubará os seus altares e deitará abaixo os lugares pagãos.

E então vão dizer: «Não temos rei porque não levamos o Senhor a sério! E agora que poderá fazer por nós o nosso rei?»

A Samaria está aniquilada, o seu rei é como uma palha à deriva na superfície da água. Os lugares altos da idolatria que são o pecado de Israel, serão destruídos. Os espinhos e os abrolhos crescerão sobre os seus altares. Dirão então às montanhas: «Cobri-nos!». E às colinas: «Caí sobre nós!»

Lançai sementes de justiça, colhei segundo a misericórdia, lavrai terras incultas. É tempo de buscar o Senhor, até que venha e faça chover a justiça para vós.

Salmo 32

Esta é a geração dos que procuram o Senhor!

Feliz aquele a quem é perdoada a culpa
e absolvido o seu pecado.

Feliz o homem cuja ofensa o Senhor esqueceu
e em cujo espírito não há engano!

Enquanto calei o meu pecado,
o meu coração esgotava-se em sofrimento,
a tua mão pesava sobre mim dia e noite
e eu secava como a erva no estio!

Confessei-te depois a minha falta,
e não te escondi os meus erros;
eu disse: "Confessarei ao Senhor a minha falta"
e tu perdoaste a minha culpa.

Por isso, todo o crente que te invoca
na hora da angústia,
mesmo que as torrentes se desencadeiem,
elas não poderão submergi-lo.

Tu és, ó Senhor, o meu refúgio,
tu me livras da angústia;

Tu fazes ouvir à minha volta
cânticos de libertação!

"Eu vou instruir-te, diz o Senhor,
velando por ti, vou ser o teu conselheiro:
vou indicar-te o caminho,
a rota que precisas de seguir!"

Não sejas irracional como cavalo ou jumento
cujo ímpeto só com freio e cabresto;
são muitos os sofrimentos do ímpio,
mas a quem confia no Senhor ele o envolve!

Alegrai-vos, justos, no Senhor,
exultai, retos de coração.
Glória ao Pai que respondeu ao nosso apelo,
por Jesus, com a força do Espírito!

Para além da lei (2)

A liberdade de Jesus perante o conjunto de normas e prescrições à volta da pureza ritual deixava, provavelmente, muita gente de boca aberta. A maior parte das "impurezas" que uma pessoa podia contrair não a convertiam em "pecadora", nem moralmente culpável diante de Deus, mas, segundo o código de pureza, afastavam-na do Deus santo e impediam-na de entrar no templo e de tomar parte no culto. Pelos vistos, no tempo de Jesus, levava-se muito a peito a observância da pureza ritual. Os mais rigorosos eram, sem

sombra de dúvida, os essênios de Qumran. Basta verificar a obsessão que tinham em purificarem o corpo repetidas vezes ao longo do dia. Os grupos fariseus ficavam-lhes, nesse particular, muito aquém, apesar de o seu cumprimento do código da pureza ser muito mais estrito do que era costume entre o resto das pessoas.

Jesus, ao contrário, relacionava-se com total liberdade com gente considerada impura, sem se importar com as críticas dos sectores mais observantes. Comia com pecadores e publicanos, tocava nos leprosos e em gente indesejável. A verdadeira identidade de Israel não consistia na exclusão dos pagãos, dos pecadores e dos impuros. Para serem "povo de Deus", o mais importante não era viverem "separados", como fazia a maior parte dos sectores farisaicos, nem isolarem-se no deserto, como os essênios de Qumran. No reino de Deus, a verdadeira identidade consistia não em excluir quem quer que fosse, mas em acolher toda a gente, especialmente os marginalizados.

As fontes cristãs conservaram umas palavras de Jesus que ilustram bem este pensamento: "Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa tornar impuro. Mas o que sai do homem, isso é que o torna impuro". Havia quem se preocupasse muito com a observância das leis da pureza para não ficar manchado. Para Jesus, porém, esse tipo de impureza não chegava a contaminar a pessoa. A contaminação ritual exterior não se revestia da mesma importância, porque não atingia o coração. Havia outra "impureza" que, nascendo do interior, prejudicava mais profundamente a pessoa e que se manifestava depois em palavras e em gestos malévolos. Para se acolher a Deus, o mais importante não era evitar os contactos que pudessem contaminar por fora, mas viver, interiormente, com um coração limpo e bom.

Por isso, o critério que Jesus adotava era verificar se uma lei concreta fazia bem às pessoas e se as ajudava a entrar no mundo da compaixão de Deus. Por exemplo, era muito esclarecedora a sua maneira de agir com a lei do Sábado, a festa semanal tida por todos como uma dádiva de Deus. De acordo com as tradições mais antigas, era um dia abençoado e santo, instituído por Deus para fazer descansar as suas criaturas. Todos deviam descansar, inclusivamente os animais que se utilizavam para o trabalho nos campos. O Sábado era um dia para aliviar das cansaças semanais, e de festa para saborear a liberdade. Nesse dia, até os escravos e escravas estavam isentos de trabalhar. Nas aldeias da Galileia, respirava-se tranquilidade e paz. No tempo de Jesus, o Sábado não era só uma lei exigida pela fidelidade à Aliança. Tinha-se convertido em sinal e marca da identidade do Povo face aos outros povos. Os romanos, que não interrompiam o seu ritmo de trabalho com uma festa semanal, admiravam e respeitavam e até "invejavam" aquele venerável costume. Para os judeus, era uma lei tão sagrada e tão enraizada na sua consciência que, nos combates contra Antíoco Epifânio, muitos judeus tinham perdido a vida por se negarem a combater ao Sábado.

Precisamente, por ser uma marca importante da identidade de Israel, havia uma verdadeira polémica sobre qual era a maneira mais perfeita de observar o descanso semanal. Os essênios de Qumran eram, naturalmente, os mais rigorosos. Basta deter-se em algumas das suas normas: "Ninguém pode ir ao campo a trabalhar em dia de Sábado (...). Ninguém deve comer ao Sábado nada que não tenha sido previamente preparado de véspera (...). Ninguém pode prestar ajuda no parto dos animais ao Sábado e, se algum deles cair em alguma cisterna ou buraco, que não seja resgatado ao Sábado (...). Se

um ser humano cair num lugar pantanoso ou num depósito de água, ninguém o pode tirar com escada, corda ou por qualquer outro meio". Entre os judeus, fazia-se uma interpretação mais compreensiva. Por exemplo, era permitido infringir a lei do Sábado em dois casos: para defender a própria vida contra os inimigos e para salvar uma pessoa ou um animal que se encontrasse em perigo de vida. Por sistema, as curas estavam proibidas ao Sábado, a não ser que o doente estivesse em risco de vida.

A Jesus nunca lhe passou pela cabeça acabar com a lei do Sábado. Era uma dádiva demasiado importante para aquela gente que precisava de descansar dos seus trabalhos e castigos. Pelo contrário, o que ele pretendia era devolver-lhe o seu significado mais genuíno: o Sábado, como tudo o que tinha vindo de Deus, teria de ser para o bem e para o descanso das suas criaturas. A perspectiva que ele tinha não coincidia com a dos fariseus nem, muito menos, com a dos essénios. O que o preocupava não era tanto a observância escrupulosa de uma lei que reforçava a identidade do povo. Desde a sua experiência de Deus, o que ele não podia tolerar era que uma lei impedisse, de que maneira fosse, de saborear a bondade do Pai.

Por isso, atrevia-se a curar em dia de Sábado doentes que, efetivamente, não corriam risco iminente de vida. A sua Ação provocou, segundo parece, uma reação nos sectores mais rigoristas do seu tempo e Jesus aproveitou para explicar a razão suprema da sua atitude. O Sábado era um dom de Deus. "O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado". Deus não fizera o Sábado para impor ao povo uma carga nem para o acorrentar a um sem número de normas. O que Deus queria era só o bem das pessoas. Tal era a intenção

de toda e qualquer lei que tivesse origem nele. Então, porque não curar ao Sábado? Se o Sábado se destinava a celebrar a libertação do trabalho e da escravidão, não seria ele o dia mais apropriado para libertar os doentes do seu sofrimento e fazer com que experimentassem o amor libertador de Deus? Se o seu reinado estava a despontar, por que não viver desde já essa festa semanal, como uma antecipação do descanso final e como um antegoço da vida que Deus queria, sobretudo, para os que mais sofriam?

Jesus defendia a sua atitude com ousadia: "É permitido ao sábado fazer bem ou fazer mal, salvar uma vida ou matá-la?". Então, podia-se "matar" a um inimigo em defesa própria, e não se podia fazer uma cura? Então, podia-se cometer um mal tão grave como um homicídio, e não se podia praticar uma coisa tão nobre como era curar um enfermo? Então, podia-se salvar uma ovelha caída num precipício, e não se podia curar um ser humano prostrado pelo mal? Jesus não esperava que o Sábado passasse para poder curar uma pessoa. Não suportava ver ninguém a sofrer e não agir de imediato. No dia seguinte, podia estar já noutra terra a anunciar o reino a outros. O importante não era a lei, mas a vida que Deus queria para todos os que sofriam.

Os evangelistas recolhem mais outro episódio interessante. Como de costume, Jesus percorria os caminhos da Galileia acompanhado pelos discípulos. Aquele dia, era Sábado. Nas aldeias, as famílias estavam reunidas a preparar a principal refeição da semana, mas eles estavam em pleno descampado, e a fome apertava uma vez mais. Ao atravessarem umas terras de sementeira, depararam com umas espigas. Os discípulos não tiveram a mínima hesitação. Colheram as espigas, desgranaram-nas nas mãos e comeram. Mas não deixaram de

ouvir críticas, não por terem roubado o que não lhes pertencia, mas por terem trabalhado, o que era proibido ao Sábado. Jesus defendeu-os, lembrando que também David e os seus seguidores, ao fugirem de Saul, para matarem a fome, não hesitaram em comer "os pães consagrados" que só os sacerdotes podiam comer. A atitude de Jesus era sempre a mesma: nenhuma lei que tivesse origem em Deus podia impedir de aliviar as necessidades vitais dos que sofressem, estivessem doentes ou passassem fome; e isto por ser Deus, precisamente, o amigo da vida.

(José Antonio Pagola – *Jesus, uma abordagem histórica*, pp. 259-263)

Oremos!

Senhor, nosso Deus!

Cada «primeiro dia da semana»,

escutamos a tua Palavra

e, reunidos em fraternidade,

damos-te graças pela nossa vida,

fazendo memória da morte e ressurreição de Jesus.

Que todos estes gestos - sacramentos da fé -

sejam expressão da nossa fé,

nós, que nos reunimos em teu nome

e no do Senhor Jesus,

à *sombra* do Espírito Santo.

Ámen!